

DO VALOR DA VIDA, DOS INTERESSES, DO SUJEITO *

Marciano Adilio Spica **

Resumo

O presente artigo versa sobre um dos mais polêmicos temas da ética prática, a saber, a inclusão de seres não-humanos na esfera da moral. Busca-se aqui reconstruir os argumentos de Peter Singer e Holmes Rolston III sobre o valor da vida, dos interesses e do sujeito. Ambos os autores defendem um alargamento da esfera moral, tradicionalmente reduzida somente aos seres da espécie humana. Suas teorias, porém, entram em conflito quando se trata dos limites da esfera moral. Enquanto Singer defende que a dor e o sofrimento, portanto os interesses, sejam o critério que a delimita, Rolston defende que a vida como um todo deve ser levada em conta na ética. Quando se trata da questão de valores, os dois autores distanciam-se ainda mais. Enquanto Singer nos diz que apenas a vida das pessoas, seres que sentem dor e prazer, além de desejarem a vida e planejá-la, é portadora de valor em si, Rolston defende que todos os seres vivos, bem como os ecossistemas e o planeta como um todo são portadores de valor em si. O presente artigo reconstitui este debate, buscando responder à questão de qual deve ser a linha delimitatória da esfera moral.

Palavras chave: ética, senciência, Rolston, Peter Singer.

Abstract

This article deals with one of the most controversial topics in practical ethics, namely the inclusion of nonhuman beings into the domain of morality. It seeks to reconstruct Peter Singer's and Holmes Rolston III's arguments on the value of life and the interests of a moral subject. Both authors hold a widening in the sphere of morality, traditionally reduced to human beings. Their position, however, conflicts with the limits of the moral sphere. While Singer holds that pain and suffering or interests will be the criteria to establish the limits of such domain, Rolston defends that life as a whole should be taken into account in ethics. Moreover, while Singer says that only the life of persons, i.e. beings who feel pain and pleasure and who desire and plan their life, is valuable in itself, Rolston maintains that all living beings, even ecosystems and the planet as a whole, have value in itself. This article reconstructs this debate, searching to answer the following question: which are the limits of the moral sphere?

Key Words: ethics, sentience, Rolston, Peter Singer.

1 - Considerações iniciais

Antes de iniciar as discussões, propriamente ditas, deste trabalho, faz-se necessário lembrar de alguns aspectos importantes, para que ele possa ser compreendido. Primeiramente, é importante dizer que o presente trabalho discute a teoria ética de Peter Singer. Tal teoria faz uma forte crítica à tradição filosófica e busca alargar nossa visão ética, questionando a visão humanista que inclui apenas os seres da espécie humana na esfera da moral. Singer propõe que animais também façam parte de uma comunidade moral.

Em segundo lugar, é preciso esclarecer que o trabalho não se atém aos argumentos da

tradição e nem mesmo à crítica de Singer à ética humanista, ao menos, não de forma direta, já que a própria exposição da teoria de Singer, por si só, é uma crítica à tradição. Além-se, apenas, a temas bem delimitados, de fundamental importância para se entender qualquer teoria ética. Expõe-se, aqui, o que Singer entende por valor da vida, valor dos interesses e valor do sujeito. Discutir-se-á até que ponto um ser é possuidor de valor intrínseco.

A pergunta central que norteia esse trabalho é: Qual é a linha divisória, se é que ela existe, para se afirmar que a vida de alguns seres tem valor e a de outros não? Singer trata da questão do valor da vida e delimita a espécie de seres à qual seria atribuído valor. Mas sua proposta, muitas vezes, é criticada, por limitar demais o número de seres que devem ser levados em conta numa teoria ética. Uma dessas críticas é feita por Holmes Rolston III em um artigo intitulado *Respect for life: Counting what Singer Finds of no Account*¹, no qual ele defende, na perspectiva holística, que todos os seres e ecossistemas são possuidores de valor em si e que Singer comete um erro ao incluir apenas seres sencientes na esfera da moral.

No intento de reconstruir este debate, num primeiro momento, o presente ensaio expõe a teoria ética de Singer, em seguida a crítica feita por Rolston a tal teoria e, num último momento, contrapõe as duas teorias, buscando uma possível solução para o impasse.

2- O princípio da igual consideração de interesses semelhantes como base da ética em Peter Singer

Singer, em sua concepção ética, parte de uma idéia básica: Ao se discutir o que é ético ou não ético, não se pode partir, apenas, do próprio ponto de vista, ou melhor, levar em conta apenas o próprio interesse. Todo juízo ético parte da idéia de que o princípio que rege a ação realizada por um sujeito moral, deveria ser aceito por outra pessoa, se ela estivesse nas mesmas condições que a primeira. Logo, para que uma ação que beneficia determinado sujeito moral seja ética, ela tem de ser válida para outras pessoas, em iguais circunstâncias.² Isso “não significa que um juízo ético particular deva ser universalmente aplicável. As circunstâncias alteram as causas.”³ O que deve ser universalizável é o princípio que norteia o juízo ético.

Partindo dessa idéia de universalidade, à qual os juízos éticos têm de se submeter, Singer elabora sua concepção ética fazendo uma crítica à tradição filosófica, por essa ter estendido a exigência de universalização do princípio que funda deveres morais apenas à comunidade humana. Para o autor, é possível ampliar a comunidade moral utilizando o *princípio da igual consideração de interesses semelhantes*.

Para Singer, toda vez que se emite juízos éticos, a partir de um pressuposto universal, admite-se que os próprios interesses em tais juízos não contam mais do que os interesses dos demais membros da comunidade ética. Toda vez que o sujeito pensa eticamente, não pode admitir que seus próprios interesses contam mais que os interesses de uma outra pessoa, simplesmente por serem seus

interesses próprios. Quando se tem a liberdade para agir no sentido de satisfazer um determinado interesse, faz-se necessário levar em conta os interesses de todos aqueles, que, de uma forma ou outra, serão afetados pela ação. Esta é a idéia da *igual consideração de interesses* que, para Singer, deve estar na base de uma concepção ética. Essa idéia leva a uma concepção justa de igualdade, pressuposto fundamental de sua teoria ética, pois, ao agir, todo o ser consciente o faz em prol de um fim determinado, qual seja o do respeito ao interesse semelhante de todos os membros da comunidade moral⁴.

Assim, é importante salientar: um juízo não se torna eticamente válido, por refletir os interesses particulares daquele que o formula, mas por refletir a idéia da igual consideração de interesses semelhantes imparcialmente. Para Singer,

O princípio da igual consideração de interesses atua como uma balança, pesando imparcialmente os interesses. As verdadeiras balanças favorecem o lado em que o interesse é mais forte, ou em que vários interesses se combinam para exceder em peso um menor número de interesses semelhantes; mas não levam em consideração quais interesses estão pesando.⁵

Assim, se um interesse maior de alguém está em jogo por causa de um interesse menor de outro, deve-se levar em conta o interesse maior, não o sujeito de tal interesse. Isso não fere, em nenhum momento, o princípio de igual consideração de interesses semelhantes, já que um interesse só é favorecido se for maior que o outro. Por exemplo, pode-se dizer que o interesse em viver é maior do que o interesse em alimentar-se de carne simplesmente por prazer. Porém, é preciso salientar que a ética de Singer se preocupa com interesses semelhantes, logo, se dois seres possuem interesses iguais é preciso, por coerência, respeitar os dois interesses igualmente. Em nenhum momento, Singer afirma que animais e humanos são iguais, apenas que alguns interesses de humanos e de animais são semelhantes e, por isso, devem ser tratados igualmente na ética, sem levar em conta cor, raça, seres ou espécie. É neste sentido que Singer defende a igualdade para os animais.

De acordo com a idéia de igual consideração de interesses semelhantes, não se deve levar em conta a aparência, a inteligência ou mesmo a espécie biológica do sujeito do interesse em questão, assim, admite-se mais facilmente que a consideração de interesse pode e deve ser ampliada para além da espécie humana⁶. Para Singer, quando se considera os interesses por si só, afirma-se que o interesse é o que vale independentemente de todas as demais atribuições do sujeito de um interesse. Todo e qualquer ser que possui interesse, dessa forma, pode entrar na comunidade moral e ser levado em conta numa teoria ética coerente. Se for considerado somente o valor do interesse, a espécie não pode ser uma barreira que impede a valorização do outro. Aí está a grande crítica de Singer à tradição.

Mas, como sabemos que um animal tem interesse? Para Singer “a capacidade de sofrer e de desfrutar as coisas é uma condição prévia para se ter quaisquer interesses, condição que é preciso satisfazer antes de se poder falar de interesses.”⁷ Dessa forma, todo o ser que sofre tem interesses, esses interesses precisam ser considerados em qualquer ação nossa que possa afetá-los.

Com a idéia de sofrimento, prazer e interesse, Singer consegue incluir os animais não-huma-

nos, mas sencientes, na comunidade moral. Se todo ser que sofre tem interesse, e os animais sofrem, sentem dor e prazer, então, seus interesses devem ser considerados. Dor e sofrimento são tão maus, em si, que o próprio ser humano tenta, ao máximo, manter-se distante deles. Pela teoria da igual consideração de interesses, poderíamos dizer, então, o seguinte: Se eu não gosto de sofrer, se acho que a dor é má para mim, não devo provocar dor em qualquer outro ser que a sinta e seja consciente dela, independentemente de sua raça, cor, sexo, ou espécie⁸.

Se o ser humano provoca dor em um animal, e ele tem interesse em não sentir dor, nada justifica que se continue a maltratá-lo, simplesmente, por ele ser de outra espécie. É claro que aí surge outro questionamento que Singer leva em consideração: Como sabemos que um animal sofre ou sente dor? Singer reconhece que nunca podemos sentir a dor do outro, mas sua reação a uma agressão nos mostra que está com dor. “Quando sentem alguma dor, os animais se comportam de um jeito muito parecido com o dos humanos, e o seu comportamento é suficiente para justificar a convicção de que eles sentem dor”.⁹ Singer lembra, ainda, que o sistema nervoso de todos os vertebrados é um sistema nervoso central, como o humano, e isso é mais um motivo para se crer que eles sentem dor.

Singer diz que os animais sencientes devem ser respeitados e, como tal, seus interesses precisam ser levados em conta numa comunidade moral. Assim, deve-se evitar infligir dor e sofrimento a animais sencientes. Porém, é preciso saber se a vida desses animais que sofrem possui valor. Ou seja, até o presente foi afirmado que os interesses devem ser considerados independentemente da espécie. Mas ainda cabe a seguinte questão: a vida de animais sencientes tem valor? É fato que podemos matar animais sem provocar-lhes dor. Podemos dizer que, com a morte, cessam todos os seus interesses e, assim, ao matá-los não ferimos o princípio da igual consideração de interesses.

É comum os humanos defenderem que a vida é sagrada e que não se pode tirá-la de ninguém. Mas, geralmente, ao se dizer que a vida é sagrada se diz que a vida humana é sagrada e não a vida de outras espécies. Para Singer, porém, esse problema nasce de uma confusão quanto ao conceito de “humano”. Para ele, pode-se entender humano como espécie “*Homo Sapiens*”, de acordo com uma concepção meramente biológica. Diante dessa concepção de humano, como ser pertencente à espécie biologicamente humana, pode-se dizer que todos aqueles que têm características biológicas de humanos são *Homo Sapiens*. No entanto, há uma outra concepção que leva em conta características não-biológicas para definir o termo humano como, por exemplo, racionalidade, auto-consciência e capacidade de planejar o futuro. Essa é uma caracterização não baseada na espécie, mas em qualidades que devem estar presentes em um ser para que ele possa ser considerado digno de humanidade. Singer propõe que, para esta segunda concepção de ser humano, use-se o termo *pessoa*, no sentido de: um ser racional e autoconsciente. Segundo essa concepção, um ser pode ser considerado pessoa sem pertencer à espécie humana. Além disso, alguns seres da espécie humana não seriam considerados pessoas, por não serem auto-conscientes nem racionais, como por exemplo, os bebês e os deficientes mentais¹⁰, embora sejam seres humanos.

Para Singer, os humanos entendem que a vida da espécie *Homo Sapiens* é sagrada e, por

isso, não temos o direito de matar um ser humano. Pela teoria da igual consideração de interesses não se pode tirar a vida de qualquer ser de outra espécie, alegando simplesmente que ele é de outra espécie. Nesse sentido, Singer argumenta:

O erro de infligir sofrimento a um ser não pode depender da espécie desse ser; o mesmo se pode dizer do erro de matá-lo. Os fatos biológicos que determinam a linha divisória da nossa espécie não têm um significado moral. Dar preferência à vida de um ser simplesmente porque ele é membro de nossa espécie é algo que nos colocaria na mesma posição dos racistas, que dão preferência aos que são membros de sua raça¹¹.

Porém, ao defender a sacralidade da vida de uma pessoa, conforme a descrição acima do que seja uma pessoa, implica dizer que esta é um ser que tem consciência de si, podendo planejar o futuro e tendo um desejo de permanecer vivo para realizar seu projeto de futuro. “Tirar a vida dessas pessoas sem o seu consentimento significa frustrar os seus desejos para o futuro. Matar uma lesma ou um bebê de um dia não frustra nenhum desejo deste tipo, pois as lesmas e os recém nascidos são incapazes de tê-los”¹². Assim, faz-se necessário salientar que a frustração de tal desejo não será sentida pelo ser do qual a vida foi tirada. Mas será que impedir a satisfação de tais desejos é sem importância? Toda pessoa prefere viver a morrer, e o princípio da universalização, visto acima, leva a dizer que a vida tem importância. Pois se um sujeito humano prefere viver a morrer, deve transferir tal idéia ao universal. De acordo com o utilitarismo preferencial, Singer afirma:

uma ação contrária à preferência de qualquer ser é errada – a menos que essa preferência seja superada, em termos do seu valor, pelas preferências contrárias. Matar uma pessoa que prefere continuar vivendo é, portanto errado, sendo iguais as demais condições. O fato de as vítimas não estarem por perto depois de cometido o ato para lamentarem que suas preferências foram ignoradas é irrelevante. O mal é praticado quando a preferência é frustrada¹³.

Diante disso, Singer entende que a vida de uma pessoa possui valor por ela orientar-se para o futuro e nesse futuro preferir estar viva. A pessoa consciente de si e consciente de seu futuro, planeja sua vida, escolhe e age pensando nele. Então, matar uma pessoa que prefere viver significa ignorar e não valorizar todo o seu presente e seu passado, além da possibilidade de seu futuro. Ao incluir a categoria preferência, própria do utilitarismo preferencial, Singer nos dirá que além de uma pessoa ter interesse em viver, ela prefere viver de uma forma específica e, por isso, planeja o futuro. A vida de uma pessoa, portanto, é possuidora de valor intrínseco. Singer, diz, então, que apenas a vida de uma pessoa possui valor sagrado.

Para Singer, então, a vida de uma pessoa é possuidora de valor em si. Tal autor, analisa, na sua obra *Ética Prática*, quatro razões possíveis para se achar que a vida de uma pessoa tem valor. Vimos, acima, uma delas. Mas ele analisa ainda a concepção utilitarista clássica que reflete sobre o efeito do assassinato de uma pessoa sobre outras pessoas, justificando, com isso, que é errado matar pessoas, já que isso tiraria a tranquilidade de outras pessoas. Outra definição do caráter constitutivo de pessoa é a de que são seres que se concebem no tempo, são auto-conscientes e como tal têm direito à vida, e por último, uma pessoa é possuidora de autonomia, tendo a capacidade de escolher, tomar decisões e agir de acordo com tais escolhas e decisões¹⁴. Para Singer, a vida de uma pessoa é

insubstituível por ela ter desejos próprios e por aspirar a uma vida longa, por ver-se existindo no tempo.

Porém, alguns animais sencientes não são pessoas e, portanto, não possuem valor em si. Mas isso não quer dizer que não se deva levá-los em conta na comunidade moral. Eles têm interesse, sentem dor e prazer, mesmo que suas vidas não possuam valor em si. Percebe-se, assim, uma clara distinção entre ser *senciente e pessoa* em Peter Singer, e somente a vida da segunda é possuidora de valor sagrado. A categoria de valor sagrado da vida está em segundo plano na Ética de Singer, ele está, realmente, interessado em mostrar que animais têm interesses. A idéia de valor surge, somente, como uma tentativa de responder às críticas da tradição à sua teoria. Segundo a concepção de pessoa elaborada por Singer, muitos dos seres sencientes e até mesmo de seres da espécie *Homo Sapiens* não são pessoas, porque não possuem racionalidade nem auto-consciência. No entanto, esses seres sentem dor e prazer e podemos nos perguntar se a vida deles tem valor para eles. Para Singer “a razão mais óbvia para se valorizar a vida de um ser capaz de sentir prazer ou dor é o prazer que ele pode experimentar¹⁵”, permanecendo vivo. Da mesma forma que um humano valoriza seu próprio prazer e gostaria de continuar a tê-lo por um longo tempo, assim também, ele deve valorizar o prazer de todos aqueles que o sentem e preservá-lo. Se tal humano matar um ser que sente dor e prazer, mesmo que este ser seja incapaz de racionalidade e consciência de si, estará privando-o de um prazer futuro. Porém, isso não implica uma idéia de que sua vida tem um valor em si.

Singer afirma:

para um ser que não tem consciência de si, a morte é a interrupção das experiências, num sentido semelhante ao do nascimento representar o início das experiências. (...) Nessa medida, no caso da vida não consciente de si, o nascimento e a morte anulam-se mutuamente, ao passo que, no caso dos seres autoconscientes, o fato de que, uma vez consciente, um ser pode desejar continuar vivendo significa que a morte inflige uma perda para a qual o nascimento de outro ser não constitui uma compensação suficiente¹⁶.

Dessa forma, Singer entende que apenas as pessoas, seres conscientes de si, têm valor em si e essas vidas são insubstituíveis, enquanto seres que sentem prazer ou dor, podem ser substituídos, ao morrerem, por outros seres que sentem o mesmo prazer, não diminuindo, assim, o prazer no mundo¹⁷.

Até o momento, foi apresentada a concepção de Singer na qual se enfatiza a necessidade de ampliarmos a comunidade moral. Porém, Singer é criticado por privilegiar a senciência em sua ética. Agora, ver-se-á a crítica que é feita por Rolston a Singer.

3 - Rolston e o respeito à vida como um todo

Rolston, em um artigo intitulado *Respect for life: counting what Singer finds of no account*, critica Singer por ter reduzido a comunidade moral à apenas alguns seres superiores capazes de sentir dor e prazer. Rolston critica a idéia de Singer de que somente seres que possuem *interesse* devam ser incluídos na comunidade moral, questionando o conceito de interesse proposto por Singer.

Para Rolston, Singer conta apenas os animais que possuem um sistema nervoso central, nos quais, por analogia, ao que sucede com os humanos, pode-se perceber a manifestação da dor. Dessa forma, Singer reduziria sua comunidade moral apenas a seres conscientes o que não equivale nem mesmo a 4% da vida existente no planeta. Os outros seres teriam apenas valor instrumental, ou seja, de utilidade, já que serviriam para o bem das espécies sencientes.

Discordando dos argumentos de Singer, Rolston propõe que a comunidade moral adote uma ética de respeito pela vida. Dessa forma se pode valorizar todos os seres vivos, desde árvores até minúsculos seres invertebrados. Para o autor em questão, todo ser vivo quer viver e procura seu bem, mesmo que sua espécie de vida seja não-senciente.

No caso das plantas, por exemplo, Rolston dirá que Singer tem razão em afirmar que elas não têm sensibilidade nem são capazes de uma experiência subjetiva, processada num centro nervoso organizado. Porém, é necessário lembrar que elas são organismos modulares, capazes de se auto-produzir, de auto-defenderem-se de ataques de insetos e outros tipos de agressão. Para Rolston, “uma planta, como qualquer outro organismo, senciente ou não, é um ser espontâneo, sistema feito por si mesmo, sustentado e reproduzido por si, executando seu programa, fazendo um modelo direto de mundo, controlando sua performance...”¹⁸. Uma árvore não é o resultado de um mero processo físico-químico, mas também de um processo biológico. Nela há uma informação genética única que é passada de geração em geração. Nela há, ainda, um “desejo” de viver. Na verdade, todo ser vivo, senciente ou não, animado ou inanimado, tem em si o “desejo” de viver. Não um desejo consciente, assim como os humanos o têm, mas um desejo que lhe é dado por sua informação genética.

Tal informação genética carrega, segundo Rolston, “um caminho de vida”, que é capaz de fazer com que plantas sejam capazes de viver. Não importa se a informação do que é necessário para viver é genética (vegetais) ou cognitiva(animais). Para Rolston, não se pode, simplesmente, negar que árvores e plantas defendem suas vidas. Talvez elas não sejam conscientes de tal defesa, mas isso não tem nenhuma importância. “As árvores têm uma vida que é intrinsecamente defendida, que tem valor em si, e fazem isso com base em suas informações genéticas”.¹⁹ No jogo genético de cada organismo vivo, há tarefas a serem realizadas, há um plano, uma proposta de vida.

Rolston propõe que se valorize a vida como um todo e, como tal, é necessário uma ética que leve em conta o valor intrínseco da vida. Para ele, todo e qualquer organismo vivo tem formas de defender sua vida. Mesmo árvores produzem toxinas para defenderem-se de insetos e bactérias que as atacam. Por isso seria precipitado dizer que um organismo não tem desejo, porque estar-se-ia reduzindo desejo a uma única forma de sentir desejo, a de seres sencientes, análogas a dos humanos, única possível de conhecer com desenvolvimento atual. Porém, é possível que uma árvore tenha um outro modelo de sentir desejo. Assim, poder-se-ia dizer que uma árvore deseja água e luz solar, não do mesmo modo que seres sencientes desejam, mas através de uma informação genética presente nela.

Rolston defende a idéia de que todo e qualquer organismo vivo, seja ele inanimado ou não,

possui um valor intrínseco de vida porque defende sua vida. Cada organismo vivo possui a informação do bem de sua classe, transferida, na reprodução, para os novos seres de sua espécie. O caráter de vida específico é levado a cabo e defendido por cada membro da espécie. Isso dá à vida de todo e qualquer organismo vivo um valor em si, defendido através da genética gravada. Organismos vivos defendem suas vidas mesmo que não a “sintam”. Não há sensibilidade nos organismos não-sencientes, mas há informações genéticas suficientes que os habilitam a defender suas vidas. Dessa forma é que Rolston entende ser necessário aumentar comunidade moral, e, por isso, defende uma ética do respeito à vida. Porém, ele não somente quer incluir seres vivos na comunidade moral, mas também ecossistemas, espécies e a terra como um todo. Para ele, todo indivíduo faz parte de uma espécie, população, que interage num ecossistema que se reproduz no planeta como um todo. Todo indivíduo, ao defender sua própria vida, defende a possibilidade futura e a história passada de sua espécie. Porém, quando a vida de um indivíduo entra em conflito com a vida de uma espécie como um todo, o valor da espécie deve prevalecer sobre o do indivíduo²⁰.

As espécies são um grande evento do qual indivíduos fazem parte. O que faz um organismo viver e ter valor é dado pela espécie, e toda vez que um organismo individual está a defender a sua vida, está a defender, também, a sobrevivência de toda a sua espécie. E, ao procriar, ele passa à nova geração o que esta passará para a seguinte a informação genética do que seja o “bem” de sua espécie. Assim como um indivíduo defende sua vida, a espécie defende sua sobrevivência. Para Rolston existe um bem de espécie que é defendido quando a espécie defende sua sobrevivência. Há, de certa forma, uma história na espécie, passada de geração em geração. É na espécie que o indivíduo desenvolve suas habilidades, é por ela que ele tem a possibilidade de sobreviver, é através da adaptabilidade da espécie que depende a vida de cada indivíduo.

Quando se diz que há informação genética que faz com que a vida de um organismo seja defendida, pode-se transferir essa mesma idéia para as espécies. Há informações próprias da espécie, que passam de geração em geração, possibilitando a sobrevivência de um indivíduo dentro da espécie. “A linhagem na qual um indivíduo existe é algo dinâmico passado diretamente a ele²¹”. O bem da espécie defendido pelas novas gerações existe na informação genética de cada espécie. Por isso, Rolston afirma que se precisa valorizar a vida também enquanto espécie.

Porém, “espécies são o que elas são onde elas são, em ecossistemas. Uma ética ambiental ampla necessita um princípio de valorização de ecossistemas²²”. É assim que Rolston justifica sua idéia de que, na comunidade moral, devam ser incluídos também os ecossistemas. Para ele, o ecossistema é onde a vida se dinamiza e se torna possível. Rolston faz uma crítica a Singer por ele não incluir os ecossistemas na comunidade moral, simplesmente pelo fato deles não serem seres subjetivos e, portanto, não serem passíveis de valor intrínseco. Para Rolston, a categoria moral da qual Singer parte é equivocada, pois ao tratarmos de ecossistemas deveríamos partir de um critério de valor diferente. “Nós devemos abordar o que há de valioso em ecossistemas de forma diferente, o que envolveria suas capacidades para gerar e amparar espécies e toda a biodiversidade ambiental que desejam conservar-

se”.²³

Para Rolston, enquanto organismos e espécies defendem apenas suas próprias vidas, ecossistemas defendem todas as vidas existentes e ainda promovem a ocorrência de novas vidas. Os ecossistemas são os responsáveis pela história da evolução, são os responsáveis por toda a vida existente e, possivelmente, por toda a vida que existirá. E isso faz com que o ecossistema possua valor. Em Rolston, “a reivindicação de que valores entram no mundo unicamente nas experiências conscientes de vidas subjetivas de organismos superiores tem também inclinação subjetiva. Ela valoriza um produto tardio do sistema, a vida psicológica, e subordina todas as coisas igualmente a isto”.²⁴ Para ele, se é possível reconhecer valor em seres sencientes, por seus interesses e preferências, um valor também pode ser “presenciado em espécies que defendem sua identidade, consecutivamente, em sistemas biológicos que são auto-organizados e que projetam o empreendimento da história”.²⁵

Rolston tenta, assim, ampliar a comunidade moral. Mas poder-se-ia perguntar, onde está a linha delimitatória de valor. Rolston afirma: “Nós julgamos, por nós mesmos, ter encontrado no planeta um valor. O Terra é realmente a unidade relevante para ser valorizado, a unidade fundamental de sobrevivência”.²⁶ Dessa forma, pode-se dizer que o planeta como um todo possui valor. Mas é necessário lembrar que Rolston deixa bem claro que um grão de poeira não possui valor por si só, mas num todo do qual ele faz parte. Diante disso, o todo deve ser considerado como possuidor de valor, e algumas das partes deste todo, caso tomadas isoladamente podem não ter valor algum.

Rolston, dessa forma, incita os humanos a considerar o quadro global na ética, valorizando a vida e tudo o que é necessário para que ela exista. Sendo assim, ele amplia muito a linha da comunidade ética, criticando Singer por valorizar apenas e tão somente os seres que possuem interesse.

4- Singer e Rolston: apreciação crítica

Singer, ao desenvolver sua teoria, tentou alargar a visão de ética, anteriormente, muito voltada para um humanismo. Sua concepção parte da idéia de universalização e igualdade, redefinindo-a na proposta de igual consideração de interesses. Diante dessa concepção, ele defende que seres sencientes devem ser levados em conta na comunidade moral, por sentirem dor e serem conscientes disso. Portanto, não é do interesse do animal sofrer, assim como não o é do humano. Singer dá valor ao interesse, dizendo que é desse conceito básico que toda ética deve partir. A linha divisória que Singer propõe em sua ética estabelece que somente animais sencientes possuem interesses e que apenas as pessoas possuem valor especial, por serem auto-conscientes da sua própria vida e terem desejos relativos ao próprio futuro. Seres sencientes têm vontade e desejo e isto seria determinante para estes serem incluídos na esfera moral. Porém, há formas de vida que Singer considera fora da comunidade moral, por exemplo, plantas e ecossistemas. Estas formas de vida devem ser preservadas para que os seres sencientes possam desfrutar delas. Singer atribui apenas um valor indireto para esses outros seres.²⁷

Rolston critica o argumento de Singer dizendo que animais não-sencientes e outros seres

vivos devem ser levados em conta numa ética por terem uma vida e buscarem viver, independentemente de serem conscientes ou não ou de sentirem dor ou não. E, ainda propõe a inclusão de espécies e ecossistemas como possuidores de valor em si. Rolston critica Singer por ele partir da idéia de *interesse* e reduzir este conceito apenas às experiências possíveis e conscientes, aplicável, portanto, somente a seres sencientes.

Na verdade, ao que parece, tal crítica se dá a partir de um âmbito conceitual, já que Rolston afirma que poderia haver outro tipo de interesse que não o consciente. Ao citar a idéia de informação genética, Rolston diz que poderia haver um interesse ou desejo gravado na formação genética de um organismo, que não entra na classe dos interesses conscientes. Aceitar tal idéia, não é de todo errado, porque poderíamos realmente aceitar a tese de que a informação genética faz com que um organismo defenda sua vida. E o que importa, ou melhor o que serve de premissa para uma concepção ética, em Rolston, é a defesa da vida, não importando se esta defesa resulta da consciência ou da informação genética.

Singer concorda que sua posição ética traça limites morais. Porém, ele dirá, ao se defender o princípio de igual consideração de interesses, baseando-o na idéia de dor e prazer, e ao incluir todos os interesses dos seres sencientes na esfera moral, parte-se de premissas claras e conhecidas. Ou seja, é fácil dizer, por analogia, que um animal sente dor ou prazer, porque os humanos também sentem dor e prazer. Além do mais, animais sencientes, humanos e não-humanos possuem um sistema nervoso central. Tal semelhança facilita a ética da igual consideração de interesses semelhantes. No capítulo 10, do livro *Ética Prática*, Singer esclarece que os ambientalistas ao falar em “desejo de viver” como uma característica de todo ser vivo, usam a palavra *desejo* metaforicamente. De fato, não se tem ainda a clareza conceitual necessária para saber se, por exemplo, uma árvore realmente *deseja* viver.²⁸ Além disso, não se tem como saber se árvores têm intenção de viver.

Singer não fala, pois, na idéia de informação genética, conceito empregue por Rolston. Assim, pode-se questionar, por exemplo: se a informação genética guardar realmente um determinado “desejo de viver”, ainda que não consciente, deve-se, por isso, valorizar a vida de um organismo não-senciente? Ou, ainda, ao se incluir somente seres sencientes na comunidade moral, não se estaria reduzindo a comunidade somente a um tipo de interesse, qual seja o de sentir dor e prazer? Rolston não teria, então, razão em chamar a atenção para o fato de que pode haver um destino, um plano de vida na informação genética de cada organismo vivo, consciente ou não, e que tal plano deve ser respeitado? Devemos salientar que Rolston defende a idéia de que o plano de vida provém de uma informação genética, própria da espécie do indivíduo. Não há uma escolha desse plano de vida, não há uma escolha consciente, porque toda escolha pressupõe consciência e, em nenhum momento, Rolston afirma que os organismos não-sencientes possuem consciência.

Para Rolston, o valor da vida não deve ser fundada no pressuposto da consciência, mas na defesa de uma vida. Mas seria esta uma ética possível? Não se teria que dar razão à Singer quando ele diz que, por analogia, sabe-se que um animal sente dor e prazer e, portanto, é mais simples admitir que

devemos considerar seus interesses, e que ao tratar de outras espécies não-sencientes os argumentos dos ambientalistas se tornam mais fracos? Para Singer,

ao chegarmos às decisões morais que afetam criaturas sencientes, podemos tentar acrescentar os efeitos exercidos por diferentes ações sobre todas as criaturas sencientes afetadas pelas ações alternativas abertas a nós. Isso nos dará, pelo menos, uma tosca orientação com relação àquilo que talvez fosse a coisa certa a fazer.²⁹

Singer parece elaborar uma teoria ética mais coerente com as possibilidades humanas de responsabilidade ética. Inclui na esfera ética os interesses pelos quais se pode, com o desenvolvimento atual, assumir a responsabilidade. Isso implica em defender os seres que os possuem dos males que os ameaçam. Se a teoria de Rolston fosse adotada, porém, teria que se perguntar se os seres humanos estão aptos a defender a vida de todos os seres vivos, se há capacidade para se assumir tamanha responsabilidade.

5 - Conclusão

Pela exposição feita neste trabalho, parece que Singer, no que tange a uma idéia de valor da vida em si, delimita com mais clareza conceitual do que Rolston os seres que o possuem. Ao dizer que um valor moral somente pode ser atribuído à vida de *pessoas* (seres capazes de sentir dor e prazer e ter consciência desta dor e prazer, além de verem-se no mundo e poderem planejar o futuro), pois somente essas vidas possuem *valor*; Singer delimita de forma plausível a esfera de ação ética, considerando-se os meios que estão disponíveis para defender tais vidas. Numa comparação, mesmo que tosca, entre Singer e Rolston, pode-se dizer que o primeiro parece ser mais realista, ao delimitar uma linha ética em função da capacidade de responsabilidade humana de proteger os seres que compartilham uma gama de interesses semelhantes ao dos humanos.

Mas, antes que esta idéia possa trazer confusão nos pensamentos dos leitores, é preciso salientar que a grande teoria de Singer é o *princípio de igual consideração de interesses semelhantes* e não as problemáticas sobre se um ser possui valor ou não. O que mais interessa para ele, ao que parece, é mostrar que se deve tratar interesses semelhantes de forma semelhante. Singer não quer dizer que todos os seres são iguais, nem mesmo que todos os interesses dos seres sencientes são iguais, mas, apenas alertar para a incoerência ética à qual os humanos se submetem ao tratar interesses semelhantes de forma totalmente diferente, única e exclusivamente, por que tal interesse não é de um ser da espécie humana. Acusar Singer de colocar todos os seres em pé de igualdade, seria inapropriado, fruto, talvez, de uma leitura equivocada.

Em relação à ética de Rolston, faz-se necessário salientar, ainda, que mesmo discordando da idéia de que ecossistemas, espécies e mesmo a Terra como um todo possuem valor intrínseco, não há como discordar da imensa necessidade de sua preservação. É preciso preservar ecossistemas, espécies e o próprio planeta para que a vida neles existente continue. Porém, é difícil concordar com

a idéia de que os ecossistemas, espécies e o planeta tenham valor em si. Não há, em nenhum momento, argumento suficientemente forte que diga que eles são possuidores de valor em si. O argumento de que eles são receptáculos e geradores de vida, parece melhor servir para fundamentar uma espécie de dever indireto, em nome do qual se reconhece dever se preservar os ecossistemas, as espécies vivas e a Terra, como um todo.

Não se pode, simplesmente, dizer que a proposta ética de Rolston seja errada. Ao contrário, ela instiga uma discussão interessante, intrigante e essencial para os dias de hoje: como se esta tratando o planeta? Além disso nos faz pensar nas seguintes questões: Será que só há um tipo de interesse ou desejo? Será a consciência um limite correto para definir o âmbito da comunidade moral? Tais questões incitadas pelo texto de Rolston merecem nossa atenção e um estudo profundo.

Notas

* Este texto é fruto das discussões feitas nas disciplinas de Ética II e Ética Prática, ministradas pela Professora Sônia T. Felipe, no Mestrado em Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Meu agradecimento a todos aqueles que colaboraram na elaboração e discussão desse texto: aos colegas de turma da disciplina de Ética II pelas discussões e questionamentos dirigidos a este texto; em especial, gostaria de agradecer à professora Sônia T. Felipe, aos colegas Milene Consenso Tonetto, Leandro Cisneros, Tânia Ap. Kuhnen, Valdenésio Aduci Mendes, Teresinha Bravo, Gustavo Vieira de Moraes, pelas horas dedicadas à revisão crítica deste trabalho.

** Acadêmico do curso de Mestrado em Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹ ROLSTON III, H. *Respect for Life: Counting what Singer Finds of no Account*. In.: JAMIESON, Dale (org.). *Singer and his Critics*. Blackwell Publishers.

² “Para serem eticamente defensáveis, é preciso demonstrar que os atos com base no interesse pessoal são compatíveis com princípios éticos de bases mais amplas, pois a noção de ética traz consigo a idéia de alguma coisa maior que o individual. Se vou defender a minha conduta em bases éticas, não posso mostrar apenas os benefícios que ela me traz.” SINGER, P. *Ética Prática*; Trad.: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (posteriormente citado como SINGER, EP).

³ SINGER, EP, p.19.

⁴ Sônia Felipe, ao comentar Singer nos diz: “Os *interesses* devem constituir o novo parâmetro ético, e para ter interesses basta sentir dor, sofrer ou sentir prazer, e conseqüentemente, *empreender movimentos no sentido de evitar aquela e alcançar este (grifo nosso)*. Nesse sentido, o emprego do princípio da igualdade torna-se infinitamente mais amplo”. FELIPE, Sônia T. *Natureza e moralidade. Igualdade Antropomórfica, Antropocêntrica, ou Ética?* In.: Revista Philosophica, 2004, no prelo. p.6.

⁵ SINGER, EP, p. 31. Quando Singer diz que a balança avaliará imparcialmente um interesse, o que ele quer dizer é que os interesses serão avaliados caso a caso. Mas como saber qual interesse é mais importante? Basta fazermos uma escala dos próprios valores e o problema estará resolvido. Sendo assim, não seria justificado que, simplesmente, por uma questão estética, por exemplo, animais fossem mortos para que suas peles fossem usadas como ornamento.

⁶ SINGER, EP, p. 66.

⁷ SINGER, EP, p. 67. Tal idéia, Singer segue a tradição utilitarista, mais precisamente Bentham, que considera o sofrimento como a característica que dá a qualquer ser vivo o direito à igual consideração.

⁸ É preciso deixar claro que, em nenhum momento, Singer afirma que os humanos sentem mais dor do que os animais ou diz que a dor de humanos e animais é igual. Humanos e animais são iguais no que diz respeito ao interesse, ambos têm interesse, ambos sentem dor e sofrem, não importando se essa dor é maior que a outra. O que importa é o interesse em não sentir dor, seja qual for sua intensidade ou característica, por si só.

⁹ SINGER, EP, p.80.

¹⁰ SINGER, EP, p. 95-97.

¹¹ SINGER, EP, p. 98.

¹² SINGER, EP, p. 100. É necessário dizer que Singer não está defendendo o infanticídio e, muito menos, dizendo que uma lesma e um bebê são idênticos. O que ele afirma, e é necessário deixar bem claro, é que tanto um bebê quanto uma lesma não têm desejo de viver e, nesse aspecto, eles são iguais. Dessa forma, se eles morrerem não se estará frustrando nenhum desejo para o futuro. É claro que poder-se-ia questionar se não há desejo num bebê recém-nascido já que algumas experiências afirmam que o carinho e o afeto da mãe para com seu filho interferem o comportamento futuro do filho, mesmo que esse afeto seja demonstrado enquanto o bebê está no útero da mãe. Isso, porém, não quer dizer que ele deseje algo conscientemente e nem que tenha consciência de seu futuro e isso é essencial para caracterizar o conceito de pessoa na ética de Singer. Ainda, mesmo afirmando que o bebê é um adulto em potencial, isso não tira o fato dele não ter desejo de futuro. Ele estaria sendo valorizado pelo que seria e não pelo que é.

¹³ SINGER, EP, p.104.

¹⁴ SINGER, EP, p. 110.

¹⁵ SINGER, EP, p. 111.

¹⁶ SINGER, EP, p.135-136.

¹⁷ SINGER, EP, p. 142.

¹⁸ ROLSTON, RFL, p. 250.

¹⁹ ROLSTON, RFL, p. 250.

²⁰ Poder-se-ia, questionar, aqui, uma possível contradição entre defender o valor em si de um indivíduo e o valor da espécie como um todo. Rolston diz que todo indivíduo, seja ele senciente ou não, possui um valor que lhe é dado por sua genética. Cada indivíduo carrega em si um bem de sua espécie. O indivíduo vale por defender sua vida, mas ele defende sua vida da mesma forma que todos os indivíduos de sua espécie a defendem. Geneticamente, duas árvores da mesma espécie defendem sua vida da mesma forma. Dessa forma, o indivíduo, para Rolston, somente possui valor como portador de um bem de sua espécie. O bem de uma espécie, em Rolston, tem um valor maior do que o próprio indivíduo. Um organismo é portador de uma vida, e defende-a, mas defende-a, enquanto informação genética própria da espécie. Assim, Rolston dirá que se uma espécie está em perigo, e para salvá-la precisamos destruir alguns indivíduos, deve-se preferir a morte destes em vez do fim de toda uma espécie (Cf. ROLSTON, RFL, p. 260). O fim de uma espécie, acarretará o fim de todo um bem, de toda uma informação genética. É da sobrevivência da espécie que depende a possibilidade de novos indivíduos, diz Rolston (Cf. ROLSTON, RFL, p. 261).

²¹ ROLSTON, RFL, p. 262.

²² ROLSTON, RFL, p. 264.

²³ ROLSTON, RFL, p. 264.

²⁴ ROLSTON, RFL, p. 265.

²⁵ ROLSTON, RFL, p. 265.

²⁶ ROLSTON, RFL, p. 265.

²⁷ SINGER, EP, p. 284.

²⁸ SINGER, EP, p. 294.

²⁹ SINGER, EP, p. 292.

Referências Bibliográficas

FELIPE, S. T. Natureza e moralidade. Igualdade antropomórfica, antropocêntrica, ou ética? In.: *Revista Philosophica*, Lisboa: Faculdade de Letras, 2004. No prelo, 23p.

FELIPE, S. T. *Regan e a concepção de sujeitos-de-uma-vida como sujeitos de direitos morais*. Artigo apresentado no Seminário de Ética do Programa de Pós-graduação em Ética e Filosofia Política, UFSC, 2004.1. Parte do livro em fase de edição.

MOORE, G. E. *Principia Ethica*; Trad. Márcio Pugliesi, Divaldo Roque de Meira. São Paulo: Ícone, 1998.

ROLSTON III, H. *Respect for Life: Counting what Singer Finds of no Account*. In.: Jamieson, D (org.). *Singer and his Critics*. Blackwell Publishers.

SINGER, P. *Ética Prática*; Trad.: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.